

# “EU SÓ CONTO MESMO É COM DEUS”. FÉ E RELIGIOSIDADE COMO BASE DE APOIO

*Maria Helena Zamora<sup>1</sup>*

*Carolina Kuenerz<sup>2</sup>*

---

## **Resumo**

O presente trabalho visa refletir sobre o conteúdo dos discursos de mães da favela Santa Marta, em 2000, que declararam contar exclusiva ou principalmente com Deus, Jesus e outras divindades para educar e cuidar de seus filhos. Poderíamos compreender esses discursos apenas como uma manifestação da religiosidade mínima brasileira, mas uma pesquisa de campo (2001-2002), empreendida na mesma localidade, sobre a ação de duas igrejas protestantes tradicionais nos mostraram que as igrejas, a religião e o próprio sentimento de fé devem ser considerados como importantes bases de apoio comunitárias. A revisão bibliográfica apontou para aspectos muito diversos da filiação religiosa na subjetividade, que procuramos cotejar com os discursos dos religiosos que ouvimos.

Palavras-chave: fé, religiosidade, bases de apoio familiares

## **Summary**

The following paper aims to reflect upon the declarations of the mothers' from 'favela' Santa Marta, during 2000, that said they count entirely or mainly on God, Jesus and other divinities to educate and take care of their children. We could take these expressions as only a manifestation of the basic Brazilian religiousness, but a field research (2001-2002), undertaken in the same place, about the action of two traditional protestant churches, reveal that the churches, the religion and the feeling of faith itself must be considered as important community support bases. The bibliographical review pointed to aspects very diverse from those concerned to religious subjectivity, which we have tried to bring together with what the religious we heard had to say.

Key words: faith, religiousness, bases of support in the family

## “EU SÓ CONTO MESMO É COM DEUS”.

### FÉ E RELIGIOSIDADE COMO BASE DE APOIO

*“O sujeito religioso não é um estúpido que ignora o sentido prático e convencional da realidade. Ele constrói ao lado desse sentido um outro sentido que pode ou não se opor a visões de mundo concorrentes”<sup>3</sup>.*

### Introdução

Em 2000, nosso primeiro ano de pesquisa na favela Santa Marta, buscamos mapear as bases de apoio formais e informais ali existentes, ou seja, procuramos as pessoas e instituições que de alguma maneira apoiavam o desenvolvimento integral das crianças e jovens da localidade. Nossa pesquisa resultou em um livro sobre o assunto<sup>4</sup> e também em várias atividades de fortalecimento a essas iniciativas.

Na ocasião, a partir de um instrumento padronizado, perguntávamos aos responsáveis por crianças e jovens, via de regra a mãe: “com quem você conta na criação de seus filhos?”. Diante desta pergunta, muitas respondiam: “Eu conto só com Deus” ou mencionavam Deus e Jesus como uma ajuda concreta a ser solicitada em primeiro lugar, tanto em casos de emergência quanto nas coisas mais simples do cotidiano. Ao longo das perguntas, outras pessoas e/ou instituições poderiam ou não ser mencionadas, mas em geral divindades vinham primeiro. Partindo destes resultados, procuramos aprofundar o tema da fé e da religião como base de apoio na vida das famílias faveladas.

Para isso, buscamos analisar como a religião, por um lado, nutre nas crianças um sentimento de confiança básica no mundo (Rizzini, Barker e Cassaniga; 2000), que propicia o desenvolvimento de suas potencialidades e capacidades de forma integral<sup>5</sup>. Por outro lado, como veremos aqui, fé e religião servem como apoio para os pais na criação dos seus filhos.

Nosso estudo ainda é muito incipiente e limitado. De todas as religiões presentes e atuantes no morro, localizamos a igreja católica, as igrejas protestantes tradicionais e os grupos e denominações pentecostais. Não conseguimos encontrar nenhum tipo de culto afro-brasileiro. Contudo, a precariedade das informações, a premência de sistematizarmos um desenvolvimento teórico consistente para compreender o campo, além da relevância da religião como base de apoio, leva-nos a compartilhar no presente artigo nossas primeiras conclusões<sup>6</sup>.

A partir de nossas entrevistas e ações no morro, constatamos a importância das contribuições da Igreja Católica no desenvolvimento das bases de apoio para os mais jovens na favela Santa Marta<sup>7</sup>. Suas iniciativas nutrem e

permitem a continuidade de várias bases de apoio formais; basta mencionar que todas as creches locais devem seu início e sua continuidade à presença da igreja. Contudo, este artigo desenvolve-se apenas sobre a exploração das entrevistas e observação participante junto a dois grupos protestantes tradicionais.

Assim sendo, voltamos ao campo posteriormente e entrevistamos duas lideranças religiosas no morro, uma delas um pastor e outra um missionário, ambos representantes de igrejas protestantes históricas e moradores do morro. Realizamos também uma entrevista com um missionário, que não mora na favela, mas que realiza trabalhos com as crianças na referida localidade. Também levamos em conta a observação participante de um grupo de ensino religioso para as crianças, que se reúne três vezes por semana e é realizado por missionários de uma das igrejas estudadas.

Assim, o que buscamos analisar no presente artigo é qual o papel da religião e da fé nas relações familiares, mostrando as ações concretas de dois grupos protestantes como apoio na favela. As crianças podem desenvolver atividades lúdicas, educativas, espirituais, no espaço das igrejas e sob a orientação dos agentes religiosos. Isso ajuda as famílias na formação de valores de seus filhos e em outros aspectos de sua criação, abrindo também a possibilidade de aconselhamento dos pais e responsáveis, em possíveis momentos de crise.

## 1. Fé e religião: nuances conceituais

Primeiramente seria interessante estabelecer uma diferenciação entre dois conceitos básicos, religião e fé, uma vez que eles se confundem e se entrelaçam, completando-se em vários momentos. Segundo a definição do dicionário Aurélio, fé seria uma “crença religiosa; firmeza na execução de um compromisso; depositar confiança em”<sup>8</sup>. Se procurarmos por religião no mesmo dicionário, encontramos “crença na existência de uma força(s) considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s); crença fervorosa, devoção, piedade”<sup>9</sup>

Em obra recente, Padre Leonel Franca, analisa frase da Epístola dos Hebreus a partir da qual a fé é a “realidade das coisas que esperamos, prova das que não vemos”<sup>10</sup>. Segundo o autor, esta afirmação apresenta duas características da fé: a de ser fundamento de nossas esperanças, dando uma idéia de sustentação e, ao mesmo tempo, a capacidade de fazer com que as coisas sonhadas começassem, através da fé, a residir em nosso espírito, como uma realidade subsistente. Podemos observar que esta última proposição está também de acordo com certas formulações de Winnicott e seu espaço potencial, como veremos adiante.

Ao aprofundarmos no estudo do tema, podemos notar que outros autores também pensaram a questão, como Rubem Alves, para quem a religião é uma “teia de símbolos, rede de desejos (...), a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”<sup>11</sup>. Segundo ele, a religião surge a

partir do momento em que os homens podem dar nomes às coisas e eleger o que tem importância para seu destino e o que é secundário. Ela é uma rede de símbolos sagrados, uma forma de exorcizar o medo e construir diques contra o. Desta maneira, mesmo as pequenas coisas passam a fazer parte desta teia invisível de significações.

O psicanalista Donald Winnicott, em vários estudos, refere-se a um espaço potencial, onde criatividade e realidade relacionam-se, permitindo que exista uma capacidade de adaptação do indivíduo à realidade ao mesmo tempo que este se permite sonhar e, conseqüentemente, criar. A fé alimentaria este campo da transicionalidade, que pode animar o sentimento de esperança de que é possível transformar o mundo na busca de nossos objetivos, já que forneceria um ambiente-suporte para a criança. O meio cultural sustenta este campo imaginário, mas para tal deve manter sua confiabilidade.

Marcos Alvito (2001), sobre os templos pentecostais e neopentecostais da favela de Acari, relata que a religião dá um sentido para a existência, pois tenta explicar o mundo oferecendo um controle frente ao absurdo, já que o acaso não existe e tudo faz parte de um plano divino. A própria conversão do devoto lhe proporciona uma reconstrução de seu passado, pois onde só havia caos passa a haver o cumprimento de um certo plano divino<sup>12</sup>.

Assim, a religião oferece um sistema simbólico que dá suporte, contingência ao sujeito, na medida em que dá uma interpretação e uma interpretabilidade ao tumulto de acontecimentos. Alvito, citando Durkheim, ressalta que “fé é calor, vida, exaltação de toda a atividade mental, transporte do indivíduo acima de si mesmo”<sup>13</sup>. Citando Geertz, este autor nos lembra que o maior impacto da perspectiva religiosa é sobre a maneira pela qual passamos a encarar os fatos do dia a dia, já que esta amplia as perspectivas. Ela passa a fornecer um modelo de representação coerente do mundo e, ao mesmo tempo, um modelo para o comportamento neste mundo. Assim, “responde ao triplo desafio colocado pelos acontecimentos mundanos: a perplexidade, o sofrimento e a injustiça”<sup>14</sup>, garantindo que tudo é explicável. Essa transferência do real para o imaginário seria uma ressignificação simbólica da vida cotidiana. A idéia de um caminho de Deus, da casa de Deus, simboliza a crença de um caminho a trilhar, trazendo a idéia de um grande pai e lar protetores.

Para o psicanalista brasileiro Jurandir Freire Costa (2001), a religião, em Freud, é descrita como uma maneira de tornar desejos de natureza infantil e inconsciente aceitáveis à consciência. Ou seja, a religião seria uma formação sintomática, um mecanismo de defesa egóico diante de desejos que ameaçam sua integridade narcísica. Para Freud, o medo do desamparo e da morte gerariam a religião como uma fantasia infantil consolatória para tais vivências dolorosas e inevitáveis. A morte causaria medo porque não pode ser representada, visto que os mortos não voltam a ser vivos e nos contar sua experiência. Por isso, um Deus benevolente e todo poderoso poderia compensar-nos das dores impostas pelas limitações de nossa natureza física, pela pressão dos desejos

sexuais insatisfeitos e pelas frustrações emocionais causadas por nossos semelhantes, oferecendo-nos uma futura vida eterna e sem sofrimentos.

Costa diz que essa leitura, para os autores psicanalistas contemporâneos, permanece razoavelmente a mesma, ou seja, da religião como uma formação de compromisso. Contudo, o autor discorda desta interpretação psicanalítica corrente, por considerá-la atada a premissas sobre a natureza do sujeito e de suas crenças não explicitadas, deixando de ser uma leitura consensual entre os estudiosos do tema, tornando-se uma leitura opcional e controvertida.

Costa argumenta que a falta de possibilidade de se representar a experiência do que não se experimentou (morte) não teria que redundar necessariamente em trauma psicológico. E tem uma leitura da religião em Freud como “uma descrição reducionista do fato religioso, destinada a tornar coerente o modelo psicológico materialista/racionalista, típico dos séculos XVIII e XIX”<sup>15</sup>. Costa afirma que ver que a religião é um sintoma montado para reparar traumas da realidade é tomar a parte pelo todo, embora certamente concorde que muitos crentes usem suas crenças religiosas como defesa contra o medo da morte ou a consciência da miséria econômico-social em que vivem.

Porém, diz o autor, e é o que enfatizamos aqui, muitos fiéis “vêm na religião uma maneira de dar sentido a vida (...), é um fato primário, original, que serve de fundamento aos sentidos precários e contingentes da existência humana”<sup>16</sup>. E segue afirmando que a religião é mais uma visão de mundo do que, necessariamente, um erro cognitivo ou um desvio afetivo decorrente da interpretação de um fato particular do mundo.

Isso equivale a dizer que a crença religiosa não possui uma causa pela simples razão de ser, ela mesma, a base para a existência das outras causas. Não se trata, pois, de um equívoco, de uma burla ou ignorância da propriedade do uso das diferentes linguagens, o fato de explicar os fatos da vida comum pela crença religiosa. Não um erro cognitivo, não uma inadequação social resultante de um ensino precário, de problemas emocionais, de privação cultural ou de quaisquer outras formas etnocêntricas como os pobres e culturalmente diferentes têm sido explicados e (mal) “compreendidos”. Mas trata-se da afirmação de uma forma de encarar o mundo, com seus critérios próprios de veracidade e fidedignidade, pertinentes à fé:

O fato da religião não exigir dos crentes habilidades argumentativas do tipo filosófico-científicas não a torna uma prática cultural “irracional”, “ilusória” ou “alienada”. Torna-a, meramente, uma maneira diferente de codificar, hierarquizar, classificar e valorizar fatos do mundo e da vida pessoal do crente.<sup>17</sup>

Além disso, Costa enfatiza que a opção religiosa daquele que crê é genuína. Esta escolha genuína, a partir dos estudos de William James<sup>18</sup>, seria viva, forçosa e momentânea. Viva porque trata-se de uma escolha com relevância para o sujeito, forçosa porque a decisão, em momentos de crise, deve ser tomada e momentânea pois surge como uma oportunidade única para o

indivíduo. Assim, não se trata de definir se é uma escolha racional ou irracional, ou de opor ciência e religião, pois ambas tem objetivos e critérios de verdade diferentes. Até porque, segundo Leonel Franca (2001), a fé seria a ciência das realidades invisíveis, constituindo-se num ato inteligente que admite uma verdade sob o testemunho de outrem.

Com base em Costa, podemos entender que a forma de interpretação da religião como uma reparação é decorrente da noção de sujeito tradicionalmente utilizada pelos teóricos da psicanálise. Ela está baseada na concepção materialista/racionalista do positivismo, onde o sujeito torna-se apenas um conjunto de reações físico-mentais ao meio, ou seja, a representação de que somos um subproduto da escassez e da falta. Segundo esta visão, o que somos é resultado do impacto das forças naturais/culturais; as sensações físicas resultantes deste impacto geram representações mentais com a função de suprir as faltas que essas sensações deixaram.

Entretanto, Costa contesta tal noção de sujeito, quando afirma que o psiquismo, sendo uma totalidade, exprime-se em formas particulares. Analisando Bergson, Costa ressalta que nossa percepção, decorrente de nossas experiências no mundo, é uma função ativa e que modela a realidade em que vivemos, ou seja, ela não é somente reativa. Desta forma, sentimos e representamos o que recortamos do mundo e agimos porque somos centros autônomos de ação. Já a leitura psicanalítica nos vê como reativos e não como iniciadores.

A partir do pensamento de Bergson, podemos olhar a religião segundo outro ponto de vista; não mais como um hábito reativo, mas como uma de nossas possibilidades de “agir no mundo e fabricar realidades segundo determinados propósitos”<sup>19</sup>.

Para exemplificar, Costa cita Dewey, segundo o qual a criatividade é imanente à condição humana. Desta forma, a religião seria uma ação criativa particular, o que se parece em muito com as idéias de Winnicott. A religião é uma experiência da ordem do ajustamento, onde ocorre um refundamento da personalidade, dos ideais. É uma atividade livre da imaginação, onde velhas coisas servem a uma nova finalidade. A religião, se partirmos desta visão, torna-se fruto da “ação livre do sujeito que renova a si mesmo, ao construir novos ideais, novas finalidades e novos sentidos para a vida”<sup>20</sup>. Sob essa ótica, a religião seria portanto o resultado da inteligência, criatividade e imaginação, não de um fanatismo irracional infundado e obscuro.

### **3. Compreendendo a religiosidade mínima brasileira**

Para compreendermos melhor o discurso das mães que ouvimos no Santa Marta, que se dizem ajudadas por Deus, Jesus e os santos, discurso que afinal nos moveu a empreender essa pesquisa, podemos seguir dois caminhos. Um é o de pensar que as mães não quiseram dizer literalmente que contam com Deus e Jesus como auxiliares diretos na criação dos filhos e que

nós tardamos a compreender o discurso, por não compartilharmos da mesma comunidade semiótica, do mesmo meio cultural, das entrevistadas.

Outro ponto de vista para analisar os discursos é admitir que elas quiseram dizer o que disseram e, portanto, que nós, estudiosos, ainda não compreendemos o suficiente a forma como a fé é vivida por aquela população e nem sabemos ainda dimensionar devidamente a importância da religião em suas vidas. Provavelmente, a verdade tem muito das duas possibilidades.

Podemos pensar no conceito de religiosidade mínima brasileira ou RMB (Droogers, 1987) para entender o quanto das palavras dessas mães são força de expressão. Muitas pessoas tem fé em Deus e acreditam em uma força maior, porém não freqüentam nenhuma Igreja ou têm uma crença religiosa específica e regular. Segundo o autor, esta religiosidade corresponderia a uma parte da cultura brasileira, independente de cultos, credos, igrejas ou outras religiões. Esta se manifesta publicamente em contextos seculares, sendo veiculada, inclusive por meios de comunicação de massa, não necessitando de sacerdotes para sua propagação.

A noção de religiosidade mínima se refere a seu aspecto geral e amplo, sendo, por isso, mínima, pois não cabem debates sobre sua verdade. É claro que ela é um substrato religioso das religiões existentes no Brasil. Seus portavozes se expressam na opinião pública, tratando da religião sem gerar conflitos, vendendo-a no mercado brasileiro. Como exemplos da RMB poderíamos citar frases da televisão, do rádio, da música popular, da propaganda, da linguagem (em frases como “Deus é grande” e mais significativo, “Deus é pai”). Deus é visto como um “amigo familiar, doméstico e próximo”<sup>21</sup>, é objeto de petições e desejos de toda sorte.

Segundo o autor, Deus aumenta a autoconfiança e, também, a confiança de quem confia nele, pois serve de socorro. É ele quem conhece o futuro, apesar de sua vontade ser obscura e desconhecida, deve ser acatada sem questionamentos. Trata-se de um Deus prático, mais imanente que transcendente. Sua transcendência reside apenas na soberania de sua vontade. É um prestador de serviços, resolve desde as pequenas pendências até os pedidos impossíveis, como também podem sê-lo Jesus, os santos católicos e os orixás<sup>22</sup>.

A fé, na RMB, apresenta-se como otimismo, confiança e segurança. Um Deus Supremo rege os acontecimentos do destino, sendo necessário ter fé nas horas difíceis. Não apresenta normas de conduta rígidas para atuar no mundo, como nas denominações religiosas. Fé seria, neste caso, o “pensar positivo”, otimismo seria condição de sobrevivência. A reza, por sua vez, alimenta a fé e é quando se pede ajuda. O tratamento reservado a Deus é informal, como a um amigo querido.

É importante lembrar que este termo apresenta um aspecto abstrato, não sendo algo difundido e pensado como tal. Em verdade estas afirmações são tidas pelo senso comum como apropriações de referências religiosas. A

RMB se baseia num jogo que tem por regra básica que se usem as mesmas palavras, sem se preocupar com o seu verdadeiro significado. E é somente por isso que ela pode existir.

Outro ponto levantado pelo autor seria o contexto de unidade e diversidade que marca a sociedade brasileira. Na RMB, o religioso está em relação dialética com as forças sociais, onde estruturas sociais e simbólicas se confundem. “Ela estaria contribuindo na construção cultural da identidade brasileira”<sup>23</sup>. Apesar de apresentarmos uma enorme variedade étnica e de costumes, podemos destacar “sintomas de unidade cultural”, uma “imagem ideológica deste Brasil unido”<sup>24</sup>, como seria a RMB.

Devemos acrescentar à discussão deste conceito que ele contribui para a unidade dentro da diversidade, para a ordem dentro do caos. Seu caráter abstrato faz com que esta função passe despercebida, ocultando diferenças e negando contrastes. Assim, vai sendo consumida passivamente, vista como naturalmente dada. Ele seria, segundo citação de Rubem Alves pelo autor, a “dimensão centralizadora e transcendental da realeza”<sup>25</sup>, confortando seus súditos. Sua força reside em permitir que várias visões de mundo diferentes coexistam.

#### **4. Fé e religião como bases de apoio**

Mas será que compreendemos o suficiente o espaço da fé e da religião na vida das pessoas comuns, especialmente das favelas e localidades pobres?

Agora que já temos uma compreensão inicial do que seja a fé, a religião e alguns de seus aspectos conceituais, acreditamos ser possível separar as diversas áreas em que a religião atua no processo de subjetivação. Por exemplo, a doutrina da igreja é o sistema de símbolos que ela oferece ao sujeito para a interpretação do mundo e de sua própria existência, oferecendo uma explicação para os acontecimentos.

Nas entrevistas realizadas com um pastor e um missionário de instituições protestantes históricas, ambos relatam que a doutrina é Jesus Cristo e não dogmas e proibições. Afinal, segundo o pastor, dogmas e proibições são invenções da religião. Na verdade tudo é sagrado, o que traz um bem estar à mente, “agrada a Deus”. A base de sua doutrina, ensinada aos jovens, é que “nós somos escravos das nossas decisões” e que ele ensina “somente aquilo que Jesus ensinou: como viver melhor numa sociedade, como ser feliz na sociedade, através dos dez mandamentos básicos que Jesus deixou...”

É interessante notar que a doutrina é tida como um “guia” para a conduta na Terra, sendo que a ênfase é dada a Jesus Cristo e não a Deus. Talvez porque este esteja mais próximo do Homem por também ter sido um homem e sua vida serve de exemplo para vencer os sofrimentos. Ou seja, a doutrina é conhecimento.

Em relação ao missionário entrevistado, quanto à doutrina ele afirma que a Bíblia diz: “ensina uma criança no caminho em que ela deve andar e ainda que

cresça ela jamais se desviará dele”. Ele acredita que ensinar a doutrina é “colocar valores na criança”, como por exemplo a verdade acima de qualquer coisa, o que é certo e errado. Podemos pensar a relação entre as bases de apoio e o ensino da doutrina na seguinte afirmação deste missionário:

*“(...) hoje em dia a gente vê várias casas de recuperação evangélicas. Mas é muito mais barato você investir na vida da criança, incluir valores corretos na criança, porque quando ela crescer vai falar: ‘eu não vou fazer isso porque é errado’, quando aparece a oferta, ‘não, isso é errado. É muito mais caro manter uma casa de recuperação, depois que eles já estão feridos, fisicamente debilitados, dependentes químicos (...). É muito mais caro e complicado consertar do que prevenir (...) ensinar a conduta deveria fazer parte até de currículos escolares”.*

É interessante notar, na fala deste missionário, que a Igreja funciona como uma segunda escola para as crianças, onde os pastores e missionários participam da vida destas, acompanhando seu crescimento. Ao relatar seu trabalho com crianças pequenas ele conta que hoje 80% das crianças com quem trabalhou são, atualmente, jovens de sua Igreja. E acrescenta que as que não continuaram no projeto de encontros realizados para as crianças, “tanto meninas quanto meninos, ou enveredaram para o tráfico de drogas ou tiveram uma gravidez precoce ou casaram-se com pessoas envolvidas no tráfico (...). Vimos que nosso trabalho valeu a pena, né?”. Trata-se de oferecer um suporte, onde as crianças encontram diretrizes que talvez não encontrem em suas famílias de origem.

As igrejas estudadas constituem-se como bases de apoio formais, na medida em que oferecem diversos tipos de trabalhos sociais, dos quais as crianças e adolescentes seriam o público alvo, bem como suas famílias. As entrevistas mostram como esses tem tido um papel fundamental nas localidades, constituindo-se na principal forma de atuação das Igrejas junto aos fiéis e aos não fiéis, já que várias crianças atendidas pelos trabalhos realizados pelas Igrejas não freqüentam a Igreja, nem seus pais. Muitas passam a freqüentar com o decorrer do tempo, mas essa não é uma obrigação. Ou seja, tais trabalhos não são privilégio apenas dos fiéis, pelo menos nas igrejas dos pastores entrevistados por nós.

As igrejas pesquisadas estão localizadas dentro do morro Santa Marta, os pastores também residem no local e assim percebem os diferentes problemas das diversas áreas da favela. Por exemplo: observando a “comunidade”, um missionário percebeu que o lugar mais carente era o alto do morro e que a maior demanda era por uma creche, já que as crianças acabavam cuidando de seus próprios irmãos. Então, compraram um terreno e começaram a construção de uma creche.

Esta Igreja também realiza encontros onde ensinam-se trabalhos manuais para as crianças, com orações e conversas sobre os problemas em casa e do cotidiano. Outra iniciativa desenvolvida por quase todas as igrejas

evangélicas é a distribuição de alimentos, a partir do cadastro das famílias mais necessitadas do lugar. Oferecem também um curso de informática, aulas de português, matemática e inglês. Realizam palestras, como por exemplo, de dentistas, médicos, “sobre comportamento, sexualidade segundo a palavra de Deus, orientações”. Para completar, desenvolvem um grupo com crianças na Igreja aos domingos e escola bíblica de férias.

Este missionário relata que até na reforma da casa de fiéis já ajudou: “as outras igrejas fizeram doações e mandaram o material, a gente usou a nossa mão-de-obra para fazer junto com o morador um cômodo a mais, ou a consertar a goteira, ou mesmo consertar um barraco todo de madeira e refazê-lo de estuque”.

É interessante notar que o missionário faz uma diferenciação entre as “igrejas do asfalto” e as “igrejas das comunidades carentes”. Para ele, as igrejas nas “comunidades” fazem realmente o trabalho prático de ajudar os fiéis e os moradores, “botam a mão na massa de verdade”. O próprio trabalho, que envolve a participação de todos em mutirão é importante, “porque as pessoas precisam saber que elas podem fazer as coisas”. Isso dá força, mostra a capacidade de cada um de realizar algo, o que é muito importante quando tratamos de auto-estima e capacidade de sonhar, desejar, acreditar em si mesmo, fundamentais para uma vida saudável.

Quanto aos trabalhos realizados pela outra igreja, estes visam, em sua maioria, crianças e adolescentes. O primeiro trabalho realizado por eles foi com crianças, pois assim “você está trabalhando com o futuro da comunidade, é mais fácil você mudar”. A esposa do pastor trabalha com alfabetização e hoje ensina as crianças com mais dificuldades. É muito comum os pastores trabalharem junto com suas esposas nos projetos da igreja. É como se eles constituíssem uma “família modelo” ou uma segunda família, na medida em que sua intimidade é vivida no mesmo solo que os demais moradores, o que torna o contato forte, constante e confiável. Para o jovem, as possibilidades identificatórias com esse relacionamento conjugal modelar, baseado na abnegação e no serviço ao próximo, não podem ser desprezadas.

O pastor também realiza aulas de educação religiosa em uma creche da comunidade, onde, em suas palavras, fé e cidadania se mesclam: “na creche as crianças lancham, almoçam e têm um estudo da palavra de Deus inserido no contexto delas; à luz da Bíblia ensinando uma verdadeira cidadania, uma cidadania pura, humilde, uma cidadania de Jesus”. Para ele, “Nesta hora doutrina e trabalhos sociais se confundem e à luz dos ensinamentos de Jesus ensinamos eles a amar, aceitar a perdoar, a respeitar eles mesmos...”

Os pastores assumem a posição de orientadores na vida das pessoas, não só orientadores espirituais, mas à nível prático e emocional também. Este mesmo pastor participa como pai representante do conselho de pais da creche de sua filha e leva outros homens à reunião. Soubemos que ele conclama

os homens a assumirem seus deveres como pais de família, não apenas no púlpito ou como conselheiro, mas até pelos autofalantes da igreja e de instituições locais.

Além disso, essa igreja promove palestras, onde são chamados médicos, economistas para falar de dívidas e economia doméstica, nutricionistas e outros profissionais. Há uma turma de alfabetização, prestação de serviços odontológicos e médicos, também organizam mutirões para a construção de barracos, participam do projeto de urbanização do morro e têm parcerias com centros de recuperação. Para completar, há seis meses iniciaram um pré-vestibular e um grupo de terceira idade que discute vários temas; encontros artísticos com as crianças durante os cultos de domingo e distribuição de cestas básicas. “Além disso fazemos o trabalho espiritual, onde muitas vezes ouvimos mais do que damos conselhos, porque as pessoas precisam ser ouvidas”.

A atuação das instituições religiosas examinadas abarca uma ampla gama de demandas, não só concretas e espirituais, mas também afetivas e emocionais: “a gente é um ouvidor”, completa o pastor. Um ouvidor de problemas com os filhos, com os pais, com os maridos e esposas, um ouvidor da família.

## **5. Fé E Religião Nas Relações Familiares E Sociais na Favela**

Outro aspecto a ser citado são as redes de sociabilidade forjadas no interior da igreja, como grupos que se formam, amizades que se fazem, pessoas em quem se pode confiar porque “é da Igreja”, os “irmãos” que se ajudam mutuamente. Assim, no decorrer das entrevistas, pudemos notar que, além de ajudar concretamente as pessoas, os entrevistados relatam que as incentivam de outras formas. Um conforto, um conselho, um abraço, ou mesmo um espaço onde se possa ser ouvido. “Uma necessidade muito grande que a minha mulher viu foi a procura das mulheres, mães, donas-de-casa, por uma conversa, desabafar, falar das dificuldades da vida, das frustrações (...)”. A igreja constitui-se uma base de apoio, desta vez informal, que pode também ser realizada não só pelo pastor como por outros frequentadores.

É importante lembrar também que existem poucos espaços concretos de sociabilidade dentro da favela. Faltam praças, clubes, cinemas, teatros, associações de cultura, lazer, pontos de encontro seguros. As igrejas, todas elas, representam uma alternativa para esta falta e um complemento para o que já existe<sup>26</sup>.

A igreja proporciona uma imensa gama de atividades - e não apenas para os jovens. Os fiéis vão às mesmas festas, ensaiam coros, organizam eventos beneficentes, visitam enfermos, fazem grupos de leitura bíblica, pregam, distraem-se, namoram. E também podem emprestar dinheiro uns aos outros, se socorrem nos momentos difíceis, trocam recomendações de emprego, apresentam um “crente” a outro de melhor posição social, favorecendo assim novos ganhos em vários sentidos.

Observamos que a Igreja torna-se um espaço de diálogo para as mulheres, espaço de trocas de estratégias de sobrevivência. Os pastores, muitas vezes, sugerem estratégias de autoridade moral para que as mulheres, por exemplo, possam lidar com a violência em casa ou para entrarem no mercado de trabalho.

Maria das Dores Machado, a partir de estudo realizado em 1996<sup>27</sup>, aborda o tema da adesão religiosa na vida familiar e suas conseqüências. Ressaltamos, contudo, que a autora estudou igrejas e pessoas filiadas ao movimento de Renovação Carismática da igreja católica e também as igrejas pentecostais e neopentecostais.

Machado acredita numa redefinição das relações de gênero quando da afiliação conjunta dos cônjuges à comunidade religiosa, resultando num ethos familiar mais igualitário. A religião, ao funcionar como constante orientadora de condutas, na medida em que o convertido passa a agir de forma coerente com seus ensinamentos e dogmas, segundo a autora, vai provocar uma redefinição de papéis e relações na família, no trabalho e outros espaços da vida pública. A religião pentecostal motivaria o ascetismo individual, fazendo com que os conversos se sintam “motivados a parar de beber, a canalizar sua sexualidade para o casamento e a cuidar de suas famílias, evitando uma maior deterioração no padrão das famílias economicamente desfavorecidas”.<sup>28</sup> Estas seriam “estratégias motivacionais”<sup>29</sup> lançadas pelas igrejas pentecostais para que as famílias possam lidar melhor com situações limites, como a luta diária na situação de pobreza.

Podemos estabelecer, a partir do estudo desta autora, a íntima relação entre religião e família, sendo que a primeira busca uma reintegração simbólica dos diversos aspectos da vida. Assim, ambas funcionam como “estruturas mediadoras entre o domínio público e o privado”<sup>30</sup>, caracterizando-se como bases sociais para a participação do indivíduo na sociedade capitalista atual. Desta forma, a dependência destas duas instâncias seria recíproca. Isto porque até certo ponto a estrutura de comunidade detém a anarquia do hiperindividualismo. Ambas fornecem equilíbrio, ordem e significados para uma vida social muito individualista, sentida como egoísta e indiferente.

Esta estrutura comunitária, segundo Kepel, citado pela autora, que a religião vem oferecer, “serve de continuação da família ou substitui a família quando esta não consegue desempenhar seu papel”<sup>31</sup>. Estas duas instâncias funcionariam como um intermédio entre o indivíduo e o Estado. A família burguesa, ou nuclear, tal como a conhecemos atualmente, representaria para os protestantes “um refúgio e um abrigo da competição das sociedades modernas (...) guardião contra a despersonalização e desumanização das forças do mercado”<sup>32</sup>.

Para a autora, uma certa redefinição de gêneros se dá na medida em que o pentecostalismo dá ênfase às características femininas e maternas de Deus, o que levaria a rever o lugar de subordinação reservado às mulheres na

sociedade patriarcal. No caso dos homens, a conversão implica numa “revisão radical do seu comportamento social e religioso, atenuando o contraste da conduta masculina em relação à das mulheres”<sup>32</sup>. O pentecostalismo não acaba com esta ordem hierárquica de gêneros, pelo contrário, até certo ponto a mantém, mas propõe um “modelo alternativo, tornando os ‘pais maternais’ e as ‘mães paternais’”<sup>33</sup>. O aumento da parcela feminina nos cultos - descrito por Machado e por outros autores - reafirma também sua autoridade moral na igreja e na família.

A autora cita, ainda, que muitas vezes o domínio religioso constitui-se em um espaço extradoméstico reservado à mulher, do qual o marido não exerce controle algum. A religião preencheria o espaço de uma existência que, em muitos casos, era toda controlada pelo marido. A maioria das mulheres por ela entrevistadas afirmam terem sido as tensões domésticas o maior motivo para a busca da religião, enquanto os homens citaram problemas no trabalho. Geralmente, quando a adesão se dá apenas pela mulher, a autoridade masculina pode se reforçar em casa. Mas se a adesão se dá por ambos os cônjuges, podem-se observar efeitos positivos, como um maior diálogo e consolidação do relacionamento familiar.

A autora constatou também uma maior mudança nos hábitos das mulheres pentecostais conversas, passando a transitar mais nas esferas pública, graças a sua maior participação no mercado de trabalho, por pregarem em praças públicas e realizarem missões de evangelização, além de liderarem diversos grupos de mulheres dentro das igrejas. Algumas são pastoras, exemplo atestado também por Marcos Alvito (2001) ao referir-se a uma das igrejas por ele estudadas.

Quanto aos homens constatou-se que muitos deles relatam que pararam com drogas e/ou banditismo depois que entraram para a igreja. Algumas entrevistadas que se converteram sem a adesão do marido relatam que a conversão evitou uma separação e que o próprio comportamento de seus companheiros melhorou depois da adesão da esposa, mesmo sem a conversão do próprio. Em sua maioria acreditam que isso se deu devido à sua conduta exemplar e santificada, ou seja, tornaram-se mais generosas, tolerantes e dóceis, segundo a autora.

Outra conclusão foi a de que as mulheres sentem-se mais fortes em termos morais e espirituais depois da conversão, empenhando-se, então, na evangelização de seus familiares. Os casais que se convertem juntos apresentam maior permanência do marido em casa, maior respeito pelas opiniões da companheira. Porém a maior participação nos afazeres domésticos não foi constatada. Desta forma, nota-se que a maioria das mulheres identificou o bem-estar espiritual da família em função do compromisso religioso dos pares, além do fato de que a conversão pode “reforçar a auto-estima e constituir uma oportunidade de transcender sua posição de inferioridade no padrão familiar hegemônico”<sup>34</sup>.

A partir do que vimos, podemos notar que não só uma rede de sociabilidade se estabelece na filiação religiosa como também há o ganho de uma nova identidade e status, que o religioso adquire ao pertencer a determinada religião, como é o exemplo dos crentes ou dos filhos-de-santo, que tornam-se pertencentes a uma “nação” específica. Ou seja, há um valor social em ser cristão, ser crente; ser... isto é, pertencer a alguma denominação, religião.

É o que Marcos Alvito ressaltava em seu livro sobre a favela de Acari. Ele observa que a conversão restitui à pessoa um novo papel social, uma nova identidade, que contrapõe-se com o que ele era antes, afinal agora ele “aceitou Jesus” e tornou-se um novo homem e pertence a um novo grupo, como é o caso de um entrevistado pelo autor. Segundo este entrevistado, que saiu das drogas ao entrar para a igreja pentecostal, “os irmãos vão dizendo o que você deve fazer e o que não deve, o que pode fazer e o que não pode”<sup>35</sup>. Ele passou a adequar sua aparência e vestimentas, ganhando um novo status, na medida em que recupera a moral na rua. A identidade “dura” de bandido é trocada pela identidade “dura” de crente, com pouca possibilidade de fugir a estereótipos em um caso e em outro.

Segundo Alvito, “a euforia religiosa e a força transformadora da religião residiriam exatamente no seu aspecto coletivo”<sup>36</sup>. Desta forma podemos perceber a importância de ser de um grupo religioso, o que vem a suprir uma necessidade de pertencimento, ainda mais nas sociedades contemporâneas onde o individualismo impera. É fácil notar este “pertencer” quando observamos que os crentes chamam-se de irmãos e irmãs, constituindo, simbolicamente, uma família.

As redes de sociabilidade forjadas na comunidade religiosa permitem, como relatou o missionário do Santa Marta, que ele e sua esposa acompanhem o crescimento das crianças desde a infância até “hoje em dia”. Eles convivem com estas crianças a gerações, tornando-se muito próximos. As entrevistas mostram que a própria vida do pastor e sua esposa serve de exemplo aos fiéis. Os moradores querem confirmar se os pastores vivem aquilo que pregam. O próprio tráfico verifica isso, segundo o relato de um missionário. Segundo ele: “as palavras convencem, mas o exemplo basta”.

Nas entrevistas, quando perguntado sobre o que os jovens procuram ao buscarem a igreja, a resposta é que estão buscando se encontrar, ou que buscam sua auto-afirmação. Ao assumirem um novo status é como se, ao menos externamente, eles já tivessem “se encontrado”. Um exemplo é o fato de muitos convertidos terem saído do tráfico, das drogas, da prostituição, entre outros. Segundo o pastor entrevistado, eles também pensam numa auto-realização, não só espiritual, mas também social. Assim, os jovens que não são da igreja resolvem entrar porque se espelham no exemplo dos que estão freqüentando, pois vêem como a “irmã” da igreja está feliz e acabam querendo se beneficiar também.

Ele explica que os jovens do morro sabem que não podem ficar “com a cabeça para a lua”, então “quando ele chega na igreja também vai aprender nova disciplina (...), se sente bem, encontra talvez uma família que não tem em casa e encontra na igreja”. Desta forma ele “vê na figura do pastor um pai, um pai que ele não teve, na figura de uma senhora lá, uma mãe que não teve, vê na figura de um outro jovem um amigo”. O pastor compara a igreja a um hospital para aqueles que tem uma “angústia na alma”, uma recuperação não só espiritual mas também emocional. Os jovens querem uma “mudança de vida” ao procurarem a igreja.

Inspiradas na leitura de Michel Foucault, talvez possamos dizer que a igreja oferece uma modelização das condutas e uma disciplinarização dos corpos, promove uma desejável docilização, indispensável ao mundo do trabalho, que talvez a família, a escola e precoces experiências de desagregação não tenham conseguido impor ao jovem. Trataremos deste tema um pouco mais adiante.

Quando perguntado sobre o que sua Igreja poderia oferecer como resposta para os questionamentos dos jovens a resposta foi que Jesus e a Bíblia seriam um manual de instruções. Observamos que os pastores e pessoas que freqüentam a Igreja tornam-se quase mestres para os jovens que também são da Igreja. Estes oferecem conselhos, ensinamentos e regras. Oferecem um limite, um contorno para a existência, um porquê para as ações e um modelo, um exemplo de uma vida terrena, a figura de Jesus.

A religião como base de apoio atua também na educação dos jovens. Vale acrescentar que no livro “Um Século de Favela” (1998), em artigo sobre os universitários da favela, os autores Mariz, Fernandes e Batista relatam que todos os entrevistados (universitários) tinham tido forte experiência religiosa, a maior parte deles em pastoral de juventude católica de cunho progressista. Apesar disso, não faziam relação entre as duas escolhas, dizendo inclusive que em seus grupos religiosos nunca ouviram discurso de incentivo para tal empreitada. Falavam, porém, de estimulação mútua entre os colegas da Pastoral, graças aos debates por ela promovidos, onde admirava-se os mais verbalmente articulados e informados, e aspirava-se a desenvolver essas habilidades intelectuais.

Vale lembrar que ainda que a Pastoral Negra e a Pastoral da Juventude trouxeram para o Rio de Janeiro o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), que chama a atenção por motivar ascensão social via educação. E informalmente temos contato com vários jovens de pré-vestibular do morro, promovido, como dissemos, por certa igreja protestante. Sem a igreja, reconhecem esses rapazes e garotas não evangélicos, eles não poderiam ter tido tal oportunidade.

## 6. Igrejas: Dividindo ou Somando?

A partir da experiência que tivemos em campo e na leitura de trabalhos sobre o tema, acreditamos ser necessário ponderar sobre a religião como base de apoio para meninos e meninas e suas famílias e até onde ela atua

desta forma. Para tal, devemos lembrar que as igrejas estudadas até o presente momento foram igrejas protestantes históricas, ou seja, não é possível generalizar nossas conclusões para todas as demais. Apesar disso, podemos inferir alguma coisa sobre o quadro religioso carioca e como se dá a relação entre as inúmeras igrejas existentes.

Primeiramente, devemos ressaltar a existência de incontáveis denominações religiosas encontradas em nossa cidade, o que, muitas vezes, acarreta inúmeras desavenças e brigas entre elas. Até que ponto estas disputas não estariam atrapalhando o trabalho realizado com crianças e adolescentes e dividindo as famílias?

Marcos Alvito aborda de forma muito clara esta questão (2001) quando fala de uma guerra espiritual, onde as igrejas pentecostais estariam criando barreiras na sociabilidade. Em debate recente, Alvito cita o caso, em Acari, de evangélicos que não queriam jogar futebol com pais-de-santo porque estes seriam do Diabo, ou seja, inimigos. Ou o caso da mãe que não deixa seus filhos brincarem nas festas de São Cosme e Damião porque é evangélica e não aceita os santos.

Contudo, nos casos que estudamos não observamos a existência de tais “barreiras” nas igrejas protestantes tradicionais. Esta foi uma preocupação em nossa pesquisa, na medida em que questionávamos este “apartheid social” fomentado pelas igrejas. Então perguntávamos nas entrevistas como era a relação entre a igreja e as outras existentes na comunidade? As respostas ouvidas foram:

*“A nossa igreja é uma igreja diferente das igrejas aqui, alguns até falam que nós não somos igreja, por causa do trabalho que fazemos na comunidade e são poucas igrejas que fazem este trabalho social.(...). A nossa igreja vive de portas abertas, recebemos prostitutas, homossexuais, entra gente com shortinho, não discriminamos as pessoas (...) e, infelizmente, algumas lideranças de certas igrejas criticam essa nossa postura.”*

Um missionário relata: “Na igreja evangélica existe uma coisa que às vezes não é saudável e que separa as igrejas, que são as diferentes doutrinas.” Ele conta que já teve problemas por ser considerado muito aberto, pois acredita que “nem tudo é pecado”. Por que o sentimento de menos valia e as diferenças entre as ações mencionadas pelos entrevistados em relação às igrejas mais “centrais”, do asfalto? Mais adiante encontraremos elementos que nos permitam compreender essa fala.

Será que poderíamos pensar na atuação das igrejas evangélicas com diferenciações nas duas dimensões, privada e pública? Isto porque, na dimensão privada os evangélicos poderiam reconstruir o sentido de mundo, buscando forças para seguir em frente, apoiados pela comunidade evangélica. Por outro lado, na esfera pública, as diferentes comunidades religiosas se

oporiam, tornando-se rivais. Separações que impediriam a união, ajuda mútua, o sentido que ainda pode ter o comunitário.

Carlos Rodrigues Brandão aborda este assunto em seu estudo “Os Deuses do Povo” (1980). Ele acredita numa oposição entre os domínios de classe na religião, em uma oposição entre erudito e popular, sendo um valorizado em detrimento do outro. O autor enfatiza “o poder de a religião ocultar, sob os seus símbolos de última instância, os interesses terrenos dos seus produtores sociais a quem ela às vezes serve, através inclusive de ocultar, ou pelo menos revestir de canto e fórmulas de maravilha, o jogo político da dominância”<sup>37</sup>. Brandão fala sobre as trocas políticas entre religiões eruditas, populares e de mediação, discutindo as condições e os modos de produção destes saberes religiosos, tratando ainda do controle das agências religiosas dominantes sobre os grupos populares.

Voltando ao tema, Brandão fala da luta para se manter hegemônica uma religião, quando esta não pode ser mais a única: sob frases de fé ocultam-se intenções bastante terrenas, visando o controle do setor religioso. Isto porque, o setor religioso estaria concorrendo com outros setores do aparelho do Estado pelo acesso a posições preferenciais de produção de ideologia e de oferta de serviços sociais de efeito político, o que ocasiona um estado de franca concorrência entre as inúmeras agências do sagrado existentes. São necessárias verdadeiras campanhas de conquista por parte destas agências<sup>38</sup>.

A multiplicação das agências do sagrado se daria como resposta social do sagrado às suas perdas para setores profanos, passando a responder a todos os tipos de sujeitos sociais. Entretanto, observamos um modelo classista de dominância religiosa, onde opõem-se erudito e popular, onde as “igrejas da favela” não têm a mesma importância e legitimidade que as “igrejas do asfalto”. Até porque, para o autor, a igreja católica, “durante quase toda a sua história, esteve a serviço da elite agrária, envolveu o trabalho de militantes burgueses e prestou serviço às classes subalternas, inclusive os de controle e domesticação”<sup>39</sup>. Pelo conteúdo das nossas entrevistas, esse não parece ser um fenômeno exclusivamente católico.

Assim, para Brandão, no mundo da religião “se refazem, de forma derivada, mas segundo algumas regras próprias, transferências de relações de poder segundo os interesses que diferentes grupos sociais têm na religião”<sup>40</sup>. Por isso vemos as relações de interesse político tornar institucionais e eruditos sistemas e agências populares de trabalho religioso. Marcos Alvito (2001) observou na favela de Acari que os pastores consagrados por conta própria são chamados de clandestinos, já que o campo evangélico só é uno quando visto de fora. O pastor da Assembléia de Deus entrevistado por Alvito reclama dos líderes religiosos das denominações “clandestinas”, dizendo que para ser pastor tem que ter teologia e ser consagrado pela igreja matriz. Este é mais um exemplo das lutas de poder existentes entre os setores religiosos chamados eruditos e os chamados populares.

A partir desta questão podemos pensar o lugar da religião na formação social e no exercício do controle social, através dos agentes religiosos eruditos. O saber (saber/poder, diria Foucault) torna-se fundamental nesta discussão. O sistema de poder dominante invalida o discurso popular e as igrejas mais próximas ao povo, retirando, de certa maneira, o poder deste segmento, sua auto-estima e seu lugar enquanto detentores de algum saber. O poder se formula no interior de uma moral legitimada por toda a sociedade: “sua tirania brutal aparece então como dominação serena do Bem sobre o Mal”<sup>41</sup>. Semelhança com alguns discursos evangélicos ou só mera coincidência?

Outra questão, que apenas apontamos quando tratamos da conversão: até que ponto a identidade rígida, fechada em padrões de conduta, não se torna uma forma de disciplinar e docilizar os corpos, de forma que eles se enquadrem em nosso sistema de produção, um papel de moldar e adaptar os jovens à realidade em que vivem, de torná-los pobres dignos (Rizzini, 1997).

Durante a convivência com os pastores, missionários e fiéis uma frase nos chamou a atenção: “devemos temer a Deus”. Esta idéia de castigo é relacionada, muitas vezes, à idéia de Deus. Quais os objetivos escondidos por trás deste temor e quais suas conseqüências para o viver liberto de cada um? É no “corpo retesado, preso, tolhido e domesticado, trajando vestimentas que separam claramente os gêneros e espartanamente sentados em desconfortáveis bancos de madeira”<sup>42</sup> dos cultos evangélicos assistidos por Alvito que podemos pensar na “materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos”<sup>43</sup>, como já dizia Foucault. Poder é concreto, exercido no corpo.

Desta forma, através do temor e do castigo, a religião estaria fazendo parte de um aparelho punitivo, que tolhe, modela e controla os sujeitos, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais. Ela faria parte deste esforço de disciplinarização e de normalização realizado pelas instituições da sociedade disciplinar.

Ficam questões: até que ponto as igrejas da favela, mesmo diferentes das do asfalto, estariam contribuindo para esta disciplinarização? Ou os dois aspectos da religião, o das bases de apoio a jovens e famílias e o da normalização não convivem juntos? O quanto as ações das igrejas afastam seus fiéis do político, da discussão e das decisões da polis?

## 7. O Que nós Vimos lá em cima...

Sabemos, por nossa observação e estudos sistemáticos no Santa Marta que há poucos equipamentos sociais disponíveis para crianças, adolescentes e seus pais e familiares. Precisamos portanto contextualizar a presença e a importância das igrejas estudadas, bem como de todas as outras, nessas vidas subtraídas de cidadania. Devemos manter em mente que as igrejas funcionam no lugar e na falta de um número pelo menos razoável de instituições sociais e programas para a população jovem e as famílias.

A partir da observação de algumas atividades realizados pelas igrejas estudadas na favela decidimos fazer um breve recorte do que tem sido um grupo de evangelização para crianças e adolescentes de 10 a 17 anos, realizado por um casal de missionários que trabalha para uma dessas igrejas. Este acontece numa das partes altas e inacessíveis do morro, temos que subir bastante até chegarmos ao local do grupo. Os moradores destas partes altas não têm acesso aos trabalhos realizados perto do “asfalto”.

O grupo se reúne três vezes por semana com duas horas de duração cada uma, onde realizam-se atividades diferentes para cada dia. Na terça-feira, as crianças jogam, brincam, pintam e cantam músicas evangélicas. A quinta-feira é o dia dos estudos bíblicos e de conversas, onde também cantam-se músicas de louvor. Na sexta-feira, as crianças se reúnem para construir uma cidade, feita com lixo reciclado. Para tal, as próprias crianças fizeram as construções da cidade, por meio de colagem e pintura.

O referido grupo teve início há seis meses, quando este missionário montou um projeto chamado Edificar. Este projeto visava “discipular”, ou seja, “ajudar a formar o caráter” dos jovens. Por ser um projeto de alto custo, o projeto não saiu do papel, mas foi substituído pelo grupo do qual estamos falando.

O objetivo do grupo atual é que as crianças possam “conhecer a Deus e andar nos seus ensinamentos”, que assim elas possam edificar novos valores e objetivos para suas vidas: “A adolescência é uma época de escolhas e nós queremos ajudar as crianças na hora dessas escolhas, para que elas sejam boas”, diz a missionária responsável pelo trabalho. Eles acreditam que, a partir deste grupo, Deus se tornaria um “companheiro diário e de todas as horas”. Afinal, já que nem os pais nem o pastor podem estar o tempo todo com a criança, Deus pode estar, na forma dos ensinamentos sobre o que é correto e o que não é, o que é o caminho e o que não é.

O grupo começou com quatro crianças, no início todas da Igreja. Essas crianças foram chamando outras e hoje o grupo contabiliza quinze crianças<sup>44</sup>. Segundo seus idealizadores, a idéia de brincar era a de algo que, primeiramente, atraísse as crianças, o que aconteceu. No início elas não iam muito às reuniões de leituras bíblicas e conversas, onde são feitos paralelos entre os ensinamentos e o agir no mundo atual. Depois, o grupo começou a tornar-se mais coeso e as crianças a ir todos os dias.

Quando perguntados sobre o porquê da grande adesão ao grupo, os missionários apontaram vários motivos. Eles acreditam que os jovens sentem a necessidade ser parte de algo, de algum grupo. Uma necessidade de pertencimento que encontra ressonância nesses encontros semanais. Além disso eles se “identificam com o trabalho, encontram uma paz no grupo que muitas vezes não encontram em casa”.

Outro dado importante é o fato das crianças receberem noções de limites. Segundo os missionários, as próprias crianças querem os limites, pois eles

representam uma forma de proteção, cuidado e carinho que muitas vezes eles não recebem em casa. Segundo eles, há muitas “crianças soltas no morro”, que ficam o dia inteiro fora de casa e assim não recebem tais noções dos pais. Apesar disso, eles relatam que as crianças do grupo “são de elite”, porque têm família e alguma noção de regras, podendo obedecer às normas do grupo. As crianças que ficam “o dia inteiro no pé do morro” não agüentam ficar porque não conseguem obedecer às regras<sup>4 5</sup>.

Outro fator que também deve ser ressaltado é a relação de confiança e carinho que se forjou entre os adolescentes e o casal que realiza o grupo. “As crianças sabem que somos sinceros e que quando brigamos com eles é porque queremos ajudá-los”. Assim mesclam-se brincadeiras e ensinamentos bíblicos, já que tanto as regras quanto o espaço para criar são importantes. Pois Deus “ao mesmo tempo que dá limites também é brincalhão”.

Outro ponto importante é o trabalho realizado na sexta-feira, onde as crianças estão construindo uma cidade. Esta “cidade” tem um valor simbólico grande, na medida em que pode tornar-se uma oportunidade de reorganização e reconstrução do espaço físico concreto e de sua constituição psíquica, ou mesmo de sua auto-estima, na medida em que a criança é capaz de realizar esta tarefa. Ao observar as crianças em atividade podemos supor que esta construção da cidade trabalha sua criatividade; motricidade, coordenação motora fina; noções de espaço e proporções, já há um tamanho delimitado da cidade, divisão das ruas, localização das casas, igreja, escola, hospital, creche, etc.

Além disso, os jovens aprendem a trabalhar em grupo, já que cada um dá a sua contribuição para este projeto conjunto: a cidade. Outro fator de aprendizado é o fato de terem que dividir e revezar o uso de todo o material entre elas, devido à falta de recursos, todos usam e distribuem.

Fora o que enumeramos acima, o fato de estarem trabalhando com lixo tem um objetivo: fazer com que elas vejam que tudo pode ser reaproveitado, “trazer a consciência de que o lixo pode ser algo limpo”, explica o casal. Para quem vive em meio a valões, esse aprendizado torna-se valioso, não só pelo aspecto de reaproveitamento, mas também pela valorização da auto-estima que essa descoberta pode acarretar.

### **Primeiras Conclusões**

A partir do que foi visto no decorrer do artigo, pudemos fazer breves considerações do que pode ser a religiosidade enquanto base de apoio, suas contribuições e seus limites. Como bases formais, um espaço concreto para pais e filhos, sua ajuda é realmente de grande importância, uma vez que existem poucos espaços na favela para serviços e suporte: portanto, cada um dos poucos existentes é importante.

As igrejas estudadas são espaços de escuta para os problemas domésticos, de interação entre as crianças e de oportunidades concretas de

aprendizado para os jovens; enquanto espaços de solidariedade, de apoio material e emocional, ou mesmo de substituto para determinadas funções onde a família tem deixado lacunas, tais igrejas estão, realmente, contribuindo para o desenvolvimento destas crianças e jovens.

Por outro lado, o que não podemos medir neste breve estudo e que nos desperta dúvidas é sobre o aspecto disciplinizador e controlador das condutas. Até que ponto estas crianças estão sendo estimuladas a um viver criativo, no sentido winnicotiano do termo, ou apenas estão sendo enquadradas nas normas de conduta social? Nas igrejas em geral, mas nas evangélicas em particular, encoraja-se a participação cidadã, o conhecimento de direitos, a mobilização comunitária? Ou um Deus convenientemente apolítico preenche esses lugares e impossibilita essas ações?

Voltando à pergunta feita às mães e suas respostas, ainda nos é prematuro definir seu fundamento. Não podemos afirmar se elas quiseram realmente afirmar isso ou se apenas estão baseadas nas crenças disseminadas pela Religiosidade Mínima Brasileira. O que nos parece correto supor é que as mães transferem parte da responsabilidade de suas vidas para Deus, porém muitas o fazem antes de terem se tornado responsáveis por suas próprias vidas. Elas depositam na figura de Deus suas demandas, das mais profundas às mais superficiais. E o próprio aspecto deste Deus varia de acordo com essas demandas. Talvez pudéssemos traçar um paralelo entre este Deus e uma mãe, que exerce a função materna de “holding”, ao fornecer integridade e força para que se possa continuar na dura batalha diária pela vida. Entretanto, estas são apenas possibilidades que devem ser mais exploradas em futuras pesquisas.

Vimos a mobilização das igrejas estudadas no cotidiano da favela Santa Marta. Fomos recebidas em todos os momentos, acolhidas em todas as propostas “já que é para melhorar o morro”, fomos hospedadas em nossas reuniões de pesquisa e do grupo de educadores local. Vimos o pastor andando pelo morro e conversando com os fiéis; a igreja cheia de crianças durante o culto de domingo; os jovens subindo as escadarias do morro para terem aula de física na igreja; vimos um monte de crianças sorrindo nas aulas de ensino bíblico; a criançada mostrando as casas de papelão que construíram; vimos a esposa do pastor trabalhando duro para que o pré-vestibular saísse do papel; a biblioteca feita pelo pastor e sua mulher, cheia de livros. Bases de apoio, nós os vimos andando com fé pelo morro. A fé não costuma falhar como o refúgio em um mundo injusto e sem coração.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutora em Psicologia, Docente da PUC-Rio, Coordenadora de pesquisa do CIESPI.
- <sup>2</sup> Bacharel em Psicologia pela PUC-Rio, pesquisadora do CIESPI.
- <sup>3</sup> COSTA, Jurandir Freire. (1977). O Risco de cada um. In: *Religião e Sociedade*. Vol. I Rio de Janeiro: ISER (p.23).

- 4 RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, ZAMORA, Maria Helena e outros. (2001). Crianças, adolescentes e suas bases de apoio - Fortalecendo as Bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes no Rio de Janeiro. RJ: EDUSU.
- 5 Para ilustrar essa afirmação, podemos mencionar que, durante nossa pesquisa de campo, ouvindo dessa vez 225 adolescentes, entre 13 e 18 anos, de ambos os sexos, das localidades de Nova Aliança e Vila Aliança, concluímos que uma proporção relativamente grande de jovens (cerca de 53%) dizia praticar algum tipo de religião com regularidade (RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, ZAMORA, Maria Helena e outros, 2001, pp. 15-19).
- 6 O levantamento bibliográfico inicial para esse artigo foi feito em cooperação com Marcelo Princeswal, pesquisador da equipe CIESPI, a quem os autores agradecem.
- 7 Sabemos que a Igreja não se limitou ao trabalho com as crianças, em sua presença no morro. Agradecemos a leitura atenta e a colaboração da Doutora em Teologia Tereza Cavalcanti, da PUC-Rio, sobre a igreja católica e sua importância nesta favela.
- 8 FERREIRA, 1986, p. 764.
- 9 Ibidem, p.1480.
- 10 FRANCA, 2001, p.16.
- 11 ALVES, 1996, p.18.
- 12 O autor no trabalho mencionado não pretende diferenciar fé e religião e fala dessas religiões que resumem um sentido para o mundo como fundamentalistas.
- 13 ALVITO, 2001, p.191.
- 14 Ibidem. p.199.
- 15 COSTA, 2001, p.13.
- 16 Ibidem, p. 16.
- 17 Ibidem, p.17.
- 18 Ibidem, p.18.
- 19 Ibidem, p.22.
- 20 Ibidem, p.23.
- 21 Sérgio Buarque, cit. por Droogers, 1987, p.76.
- 22 Um exemplo para a compreensão disso são os santos da crise, que surgem para resolver problemas imediatos, das causas urgentes, como Santo Expedito ou dos pedidos desesperados, como São Judas Tadeu. Ou pensemos em Santa Edwiges, a santa dos endividados ou nas 13 almas benditas que podem interceder pelos mortais, pois conseguiram entrar no Reino dos Céus. São devoções que representam as demandas práticas de nossa sociedade (Augras, 2001).
- 23 Droogers, 1987, p. 82.
- 24 Ibidem, p. 84.
- 25 Ibidem, p. 86.
- 26 Para saber mais sobre o que tem sido desenvolvido em duas favelas e o que falta, veja "Crianças, adolescentes e suas bases de apoio - Fortalecendo as Bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescen-

- tes no Rio de Janeiro”, de Irene Rizzini, Gary Barker, Maria Helena Zamora e outros e publicado em 2001 pela EDUSU.
- 27 Em seu estudo, Machado aborda duas correntes religiosas diferentes, o Movimento de Renovação Carismática da Igreja Católica e a doutrina pentecostal. Embora distintas das doutrinas aqui estudadas, acreditamos que este estudo possa servir de esboço para nossas inferências.
- 28 MACHADO, 1996, p. 30.
- 29 Ibidem, p. 30.
- 30 Ibidem, p.33.
- 31 Ibidem, p.35.
- 32 Hunter, cit. Por Machado, 1996, p. 36.
- 32 MACHADO, 1996, p.39.
- 33 Idem.
- 34 MACHADO, 1996, p.198.
- 35 ALVITO, 2001, p.172.
- 36 Ibidem, p.191.
- 37 BRANDÃO, 1980, p.16.
- 38 Ressalvamos que o autor escreveu esse artigo a mais de vinte anos. Atualmente as alianças entre as igrejas evangélicas e neopentecostais e a política partidária e aparelhos de estado são evidentes. Basta observar a súbita conversão evangélica de políticos, a existência de um programa que permitiu o repasse de dinheiro público através de igrejas cadastradas (principalmente evangélicas) a moradores pobres, as alianças de setores políticos conservadores com evangélicos e (neo)pentecostais, a candidatura de incontáveis políticos evangélicos, a orientação dos líderes religiosos sobre os votos dos fiéis, o aumento do poder e bens das várias igrejas pentecostais, a fundação de associações de políticos e empresários evangélicos.
- 39 BRANDÃO, 1980, p.102.
- 40 Ibidem, p. 87.
- 41 FOUCAULT, 1979, p.73.
- 42 ALVITO, 2001, p.104.
- 43 FOUCAULT, 1979, p.146.
- 44 Em várias bases de apoio formais e informais que conhecemos, essas palavras são recorrentes “uns chamam os outros”, mostrando o alto grau de sociabilidade das favelas, apesar de todas as forças contrárias a isso. Mostra também que as necessidades são muitas e as iniciativas que partem de pessoas e instituições confiáveis logo se multiplicam e ganham muitas adesões.
- 45 A categoria “crianças soltas” apareceu em várias etapas e em vários grupos e pessoas entrevistados por nós no morro. São aquelas que não dispõem de um mínimo de atenção por parte de suas famílias e carecem também da assistência das bases de apoio familiares e locais.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. O Que é Religião. São Paulo: Ars Poetica, 1996.
- ALVITO, Marcos. As Cores de Acari. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- AUGRAS, Monique. Alteridade e Dominação no Brasil: psicologia e cultura. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 1995.
- BERGER, P.T. O Dossel Sagrado. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- COSTA, Jurandir Freire. "O risco de cada um". In Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, Vol. I, ISER, p.11-24, 1977.
- DROOGERS, A. "A Religiosidade Mínima Brasileira". In Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: ISER/CER, 1987.
- EINGEL, Michael. "The Area of Faith in Winnicott, Lacan and Bion". In J. Psycho-Analysis, Nova Iorque, n. 62, pp.413-433, 1981.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRANCA, Leonel. A Psicologia da Fé e o Problema de Deus. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RJ, 2001.
- GUIMARÃES, Marco Antônio Chagas. "A Área de Ilusão e a Subjetividade Afro-Descendente no Brasil". Arayê Especial – II Seminário nacional: a comunidade afro-descendente e a epidemia de HIV/AIDS. Rio de Janeiro, vol. Especial, pp.17-22, 1998.
- MACHADO, Maria das Dores. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Editora Autores Associados, ANPOCS, 1997.
- RIZZINI, Irene. O Século Perdido: Raízes Históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil. Rio de Janeiro: PETROBRÁS/MEC/USU/AMAI, 1997.
- RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, CASSANIGA, Neide. Criança Não é Risco, é Oportunidade. Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária: Instituto PROMUNDO, 2000.
- RIZZINI, Irene, BARKER, Gary, ZAMORA, Maria Helena e outros. Crianças, adolescentes e suas bases de apoio - Fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EDUSU, 2001.
- WINNICOTT, D.W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: IMAGO, 1975.
- ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos (orgs.). Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ZAMORA, Maria Helena. Textura Áspera: Confinamento, sociabilidade e violência em favelas cariocas. Rio de Janeiro, 1999. Tese de doutorado, PUC-Rio.
- ZAMORA, Maria Helena, SILVA, Nívia Carla Ricardo da (orgs.). Vozes e experiências dos educadores de uma favela. Rio de Janeiro: EDUSU, 2002.